

Tenda São Jorge Guerreiro: “Maria Bonita”, a mãe-de-santo, a filha, a religião e a história.

Bruno Barros dos Santos¹
Cleides Antônio Amorim²

Na busca por entender o universo simbólico, material e espiritual do Outro, este universo que é constituído pela mãe-de-santo, Maria Bonita e suas filhas-de-santo, que trabalham no terreiro Tenda São Jorge Guerreiro é que toda nossa investida se faz necessária. Nosso objetivo é entender o comportamento religioso das pessoas da Tenda São Jorge Guerreiro a partir do comportamento ritual que é sempre pleno de gestos, falas, danças, doutrinas e etc... Em outras palavras, é a partir de uma análise comparativa que buscaremos encontrar onde os discursos e práticas cerimoniais do mencionado terreiro se distanciam e se encontram com as outras religiões afro-ameríndio-brasileiras, a fim de descobrirmos os elos de significação que permitem que essas práticas se comuniquem a tal ponto que possamos classificá-las como pertencentes a um ethos geral.

Panorama afro-brasileiro

Não é nossa intenção enquadrar a manifestação religiosa das médiuns em nenhum tipo ideal, queremos sim, analisar os ritos e as narrativas, para que possamos fazer um diálogo entre as diversas práticas religiosas como o candomblé, a umbanda e o tambor de mina, visualizando onde as práticas de nossas entrevistadas se aproximam e se distanciam das mesmas. Queremos também observar o que de novo existe na prática de nossas entrevistadas, algo que não ocorre em nenhuma outra religião, mas temos certeza de que nenhuma religião hoje é pura, nem o candomblé jeje, nem a mina nagô.

Foram usadas muitas estratégias para que as religiões afro pudessem se manter ativas, uma dessas foi a associação de seus deuses, os orixás, com os santos católicos, algo que para muitos pesquisadores e mesmo sacerdotes não seria possível graças as similitudes arquetípicas. O sincretismo de práticas religiosas começa bem antes da escravidão no Brasil, entre as próprias tribos africanas aconteciam assimilações de características culturais. Houve uma perfeita junção das práticas de religiões afro no Brasil, mas segundo Prandi, “as que mais se propagaram foram as matrizes queto (ioruba) e angola (bantu)” (Prandi, 2001, p.2). Existem divindades para o santuário, as tarefas domésticas, as formas lúdicas, para a agricultura e etc. Não que isso represente um preservacionismo maior. As

várias matrizes religiosas também tem linguagem própria as mais conhecidas são o ioruba, fon e bantu. Cada região do país tem uma matriz religiosa correspondente, na Bahia o Candomblé, no Recife e Alagoas o Xangô, no Maranhão e Pará o Tambor de Mina, e no Rio Grande do Sul o batuque.

Candomblé

No terreiro de D. Maria Bonita pode-se notar ponto riscado³ para Oxalá – orixá sincretizado com Jesus Cristo. As paredes internas do terreiro são cobertas de quadros de entidades e santos católicos, tais como Indaiá (cabocla indígena), Pai João (preto velho), Janaína (nome brasileiro de Iemanjá), Jesus, Santo Antônio, São Lázaro. No altar estão expostas várias imagens e esculturas de gesso como a de Santo Antônio, São Jorge, Nossa Senhora da Consolação, Bom Jesus da Lapa, Padre Cícero, Iemanjá e uma infinidade de entidades indígenas e caboclas. Todo o altar é decorado com muitas fitas envoltas nas imagens, bola de cristal e muitos jarros de flores. Em baixo do altar, do lado esquerdo, discretamente, há pratos com oferendas para os Exus, e do lado direito existem oferendas dedicadas aos encantados que não trabalham na chamada linha “negra”⁴. Embora os exus sejam ali alimentados, não existem cerimônias de consagração para eles e para as Pombagiras, no começo do culto, algo que é característico em outras práticas afro-brasileiras como o candomblé e a umbanda.

Também diferentemente das religiões mencionadas acima, no terreiro de D. Maria não há ritual de iniciação das médiuns. Conforme nos foi relatado, elas chegaram ao terreiro através da busca pela cura ou tratamento de alguma doença e descobriram que seus infortúnios seriam em decorrência a sua mediunidade e, portanto, para livrarem-se destes males teriam que ‘trabalhar’ no terreiro. Já a mãe-de-santo nos relatou que fora iniciada por Pai Denilson, no Pará. Segundo D. Maria Bonita, em seu ritual de iniciação ela teve a cabeça raspada e sofreu várias incisões por todo o corpo, o que nos faz supor tratar-se de um ritual do candomblé, embora a mesma não confirme.

Tambor de mina

No Tambor de Mina é comum à incorporação dos encantados retratados nos mitos, diz-se que eles não morreram, mas simplesmente se encantaram. Vale ressaltar que os encantados classificados como turcos não são exclusivamente desta origem, pois

segundo as histórias desses encantados eles ao chegarem às terras brasileiras entraram em contato com índios e caboclos que os adotaram como membro de suas famílias. Um bom exemplo disso é Caboclo Velho, conhecido nos terreiros de mina do Maranhão como o mais velho índio a descer na ‘guma’⁵, mas que geralmente é recebido nos terreiros quando estes homenageiam, ou apenas cantam, para as entidades afiliadas ao Rei da Turquia. Também é comum ouvir das pessoas de mina que algumas entidades foram adotadas por Rei da Turquia devido estas terem aderido à causa moura contra os cruzados. Exemplo disso é a chamada Rainha Douro ou Dodô, que no Maranhão é associada à Joana D’Arc e no terreiro que estudamos é chamada de Mãe Marina. Segundo D. Maria Bonita, Mãe Marina teria trabalhado nos navios negreiros e lutado na guerra vestida de homem. Assim sendo, D. Maria associa Mãe Marina à santa católica Joana D’Arc.

Umbanda

Embora a umbanda tenha em sua origem uma forte contribuição do kardecismo, doutrina que dá atenção especial à vida após a morte, onde se recebe espíritos de mortos com o intuito de mostrar-lhes o “caminho da luz”, da transcendência, ou para estabelecer comunicação entre os mortos e seus parentes, a umbanda, ao longo do tempo agregou outras crenças brasileiras. De modo que no terreiro onde realizamos nossas observações, a comunicação com os mortos não é nem de longe a principal preocupação do grupo. Ali é a relação com os encantados que assume lugar de destaque e estes não são apenas espíritos de pessoas mortas, mas diferentemente, possuem matéria e até podem sair da condição de encantado. Conforme nos relata Dona Maria Bonita:

[...] Bem aqui na Pira, um homem pegou uma Mãe D’água desencantou e casou. Ela não falava, aí disse que um dia ela teve um filho dele. Ele matou uma galinha e passou o sangue na rede da criança, aí pegou a menina, afirmando: - Olha eu matei. Levou a faca assim, disse que ela gritou, os búzios caíram lá no pé dele. Elas [as mães d’água] têm os búzios, saiu os búzios que tinha na goela dela, aí ela ficou falando. O homem já era velho e morreu. Ela ficou. Ficou no mundo com uma filhinha, não entrou mais na água.

Este relato contado por Maria Bonita demonstra qual a importância e a significação empregada em relação aos encantados, a proximidade se faz notar muito mais do que em outras religiões aqui descritas. Mas sabemos também que essas entidades do relato podem incorporar e, conforme D. Maria, só incorporam as encantadas mais velhas.

Pajelança

A pajelança é uma herança de nossos ancestrais indígenas, mas hoje agrega tanto características do catolicismo popular quanto de práticas africanas. É tanto uma religião quanto uma prática terapêutica. O pajé no momento dos rituais usa como instrumentos, o maracá, o tauari⁶, penacho⁷ e glanchamas⁸, bem como uma mesa rodeada de santos católicos e entidades caboclas e indígenas. São várias as linhas de encantados e seus encantos relacionados à pajelança, a entidade que trabalha com o pajé chama-se mestre, as diferentes linhas são: a de água doce, salgada, das matas, dos igarapés. Eduardo Galvão nos diz que:

os casos e as descrições dos sobrenaturais, “encantados” como os companheiros do fundo ou os botos, bichos visagentos, curupiras e anhangas, acentuam as concepções entre estes seres e o homem. [...] São como que entidades protetoras que guardam a natureza contra sua depredação pelo homem (Galvão, 1976, p. 79-80).

As práticas africanas de pajelança são tidas por pesquisadores como uma representação da pajelança indígena e não uma herança dos mesmos. Muitos curadores foram perseguidos e presos, por conta de suas práticas, uma das características mais perseguidas foram às possessões, muitos curadores se tornaram umbandistas por conta disso. Nina Rodrigues (2008) foi um dos pesquisadores que ajudou a diminuir esse preconceito, apesar de explicar o transe a partir de um viés médico, para ele a possessão era um sonambulismo provocado.

As semelhanças com a pajelança indígena ou africana são grandes em relação às práticas das filhas-de-santo da Tenda São Jorge Guerreiro. No princípio de suas práticas Maria Bonita também utilizava uma mesinha onde colocava os santos e praticava suas rezas, viajava para as localidades com essa mesa, isso antes de construir o salão. A mãe-de-santo também nos conta do receio que tem quando passa muito tempo sem ir tomar banho no rio, isso por que ela tem medo da Boiuna⁹, e dos males provocados por ela. Maria Bonita também nos contou sobre o Boto que tem relações com outra mãe-de-santo de Tocantinópolis, relações essas que não se assemelham com a descrita por Galvão (1976), tendo em vista que a relação entre o Boto e a mãe-de-santo do relato de Maria Bonita é de cunho sexual e ela não nos conta nenhum mal provocado por isso. Ainda segundo Maria Bonita, a mãe-de-santo em questão é empautada com o Boto. Não sabemos se o relato descrito por Maria Bonita é pejorativo, isto é, que tenta atingir as práticas da outra agente, ou se apenas ela está chamando atenção para algo que lhe surpreendeu, o que importa notar é que D. Maria vive em um universo cosmológico próprio e suas interpretações se baseiam

em outras simbologias, que aí sim se assemelham com as descritas pelos pajés estudados por Galvão (1976).

Estórias da vida de Maria Bonita, ouvidas dos encantados, das filhas-de-santo e da própria

Quem começa contando onde morava e quem eram; a avó, e a mãe de Maria Bonita é a entidade Cabocla Aninha. A entidade disse que: Maria Bonita é natural de Serra da Cinta no Maranhão, sua mãe é Maria Gomes e seu pai Legitimá. Ouvimos também da própria mãe-de-santo esses dados.

Maria Bonita também é do signo de Libras. Aos quatro anos de idade já ouvia as Mães D'águas. Morava no sertão, o sertão da casa de sua avó, pois além da narrativa de "Aninha" (como as filhas costumam se referir a Cabocla Aninha), há também outra que ela se refere a um sertão maior, "eu fui criadinha no sertão sem vê televisão, sem vê nada, nada, nada. Era só coisas (encantados) que eu via", possivelmente Maria Bonita se refere a toda Serra da Cinta. Fugiu das ameaças do segundo marido de sua mãe, Pedro Panagá, onde partiu para a casa da avó, Nenesia, que também sabia curar. Aos quatro anos achava que: "se metesse o dedo dentro d'água a Mãe D'água sarava os dedos dela. Ela pensou que ela fosse uma deusa mesmo. Mas não, elas são poderosas, mas, não são também isso tudo, não é?" (relato contado em dia de culto por Cabocla Aninha). Aos doze anos, pagou professores para lhe darem aula, pois, se não fosse isso teria ficado burra. Tentou fazer um curso pela SUCAM, onde Mãe Marina já lhe puxava, mas não conseguiu trabalhar nos navios, na Marinha, por que morava muito longe.

Maria Bonita queria ficar parecida com sua entidade espiritual, assim como outros agentes mágico-religiosos presentes nas pesquisas de Maués e Villacorta (1998) e Rachel Barros (2007). Mãe Marina é a chefe espiritual do terreiro São Jorge, segundo suas ordens, Maria Bonita colocou Caboclo Sete Flechas para fora do terreiro. Maria Bonita não construiu um salão da forma como Cabocla Jurema pediu, pois, na época as pessoas teriam queimado o salão, isso porque o mesmo teria que ser feito de palha e de forma arredondada, típico dos terreiros de pajelança. Cabocla Jurema não ocupa no *panteon* do terreiro uma posição tão prestigiosa quanto Mãe Marina. Maria Bonita também tinha a intenção de ir embora de Tocantinópolis, mas, Mãe Marina e os outros encantados não deixaram. Maria Bonita brigou com um doutor do CESP chamado, Ezio. Ela era solteira e

tinha que criar os filhos. O doutor estava acompanhado dos colegas de profissão e amigos, e jogou conversa naquela mulher fácil.

Maria Bonita trabalhou vendendo comida caseira e cervejas em sua casa, que era de palha na época, isso para criar os filhos. A sua casa era frequentada por prostitutas que tinham relações com homens casados ali mesmo, as prostitutas também eram casadas, Maria Bonita diz que ajudou muita mulher a sair dali sem ser reconhecida. Apesar de não vender o corpo, Maria Bonita era amiga de prostitutas. Vivia numa situação promíscua, porque além de vender cervejas, era mãe solteira. Sabemos que no Brasil essa situação é ainda pior, pelo fato da moral católica está arraigada em nossa cultura. O ideal do período Colonial onde as mulheres deveriam casar-se virgens, ainda vigora na sociedade brasileira.

Ela brigou com as pessoas que não queriam que ela implantasse o terreiro, diziam que ela teria que fazer casa pra ela e não para espírito. A mãe-de-santo nos contou que quem é médium e não obedece ao chamado, ou morre, ou mata, fica preso ou acaba os dias numa cadeia. D. Maria Bonita dá exemplos de pessoas que debochavam dela e que hoje estão em más condições. Ela foi vítima de feitiço, dentro de oito dias o que era dela acabou, foram dois, um enterrado e outro colocado em cima da casa, mas, Maria Bonita recebeu ajuda de um baiano que segundo ela vem com mais força. Maria moeu um dos ossos jogados em sua casa e colocou no pote onde o feiticeiro iria beber, ele bebeu, a filha dele falou para ele pedir desculpas a mãe-de-santo, mais ele não pediu e morreu. D. Maria exortou que o homem morreu porque bebeu demais.

Por conta de estar grávida de um filho, e a gravidez ser de risco, ou melhor, Maria havia dado a luz a um filho, mas ao outro não, então fez uma promessa a Nossa Senhora da Conceição. D. Maria fez a promessa mais não acreditava em espírito na época, disse que: “se a santa fizesse o parto com segurança, ela passaria a acreditar que os espíritos existem”. Porém, como uma mulher que já havia visto tanta coisa, não acreditava em espírito? Maria Bonita sofreu por um tempo influência do catolicismo popular mais do que da umbanda e da pajelança? Entretanto, D. Maria também era parteira e será que por isso teria mais chances de receber o milagre? Não nos importamos com o que é verdade ou mentira, segundo Leach, “as contradições são muito mais importantes do que as uniformidades” (Leach, 1996, p. 308) o antropólogo tem que se utilizar da melhor maneira possível dos dados que dispõem, traçando afirmações e generalizando se possível. O que tiramos de tudo isso, é que D. Maria era uma crente descrente, vivia uma condição de

promiscuidade, ou seja, na religião, era chamada de feiticeira, macumbeira e pajoa, e fora dela, era chamada de prostituta, mulher fácil.

Relatos que tratam dos encantados e das filhas-de-santo

Colocamos os relatos das filhas com os encantados porque estão entrelaçados. A primeira filha-de-santo descrita por nós é Pacílicia também conhecida como Cílicia. Natural de Caxias no Maranhão, mas que morou em Vitorino Freire, morou ainda em Mearim. Passou algum tempo em um sítio chamado Lago da Pedra, em Muncuiba e em Paulo Ramos, até que em 8 de dezembro de 1978 veio para Tocantinópolis. Tem um filho, já trabalhou de lavadeira e vendedora de feira. Descobriu que tinha mediunidade com quarenta e poucos anos. Pacílicia conta que desde novinha, via uma mulher morena de cabelo longo. Depois de algum tempo ela descobriu que a mulher se tratava na verdade de uma Mãe D'água. Todo dia de tardinha a menina (Pacílicia) ia pescar no rio Mearim, e via a Mãe D'água, certa vez ela pensou em presentear a Mãe D'água com legumes e hortaliças, pois, sabia que não teria condição daquela mulher (Mãe D'água) criar tais alimentos dentro d'água, no entanto, ela queria algo em troca, que seria os peixes. Nesse momento estabelece-se a troca, a dádiva e a contra dádiva, Pacílicia ia presentear mais queria algo em troca, é o “dar, receber e retribuir” clássico de Marcel Mauss (2003).

Pacílicia conta que as Mães D'água moram numa loca de pedra. Maria Bonita afirma que “elas” são crianças que jogaram na água, afirma também que elas podem se desencantar e que quem faz uma pauta com elas fica rico. Pacílicia conta também narrativas sobre os Léguas-Bogis que também teriam se encantado numa loca de pedra, na época do Dilúvio Bíblico. As duas narrativas tem pontos em comum, pois as Mães D'água mais velhas também teriam vivido na época do Dilúvio. Hoje algumas Mães D'água incorporam, mas, só as mais velhas. Já os Léguas-Bogis, são muitos os que incorporam na tenda São Jorge Guerreiro. Segundo Mundicarmo Ferreti, “Léguas-Bogi é um preto-velho, a mais velha entidade a vir ao mundo” (Ferreti, 2001, p. 163)

De Jesus, também filha-de-santo, mora em Araguaína, começou a frequentar o terreiro com 37 anos, hoje ela tem 78 anos. É prima de Maria Bonita. Ela está com Maria Bonita muito antes da mãe da mesma morrer. Raimunda Assunção dos Santos é o nome de D. Jesus. Ela fala que nasceu crua no espírito, porque nasceu de bruços, todo homem nasce de bruços. E ela nasceu que nem um homem. Fala também que sofreu por conta de sua mediunidade, perdeu seu marido por conta da religião, porém, afirma também que foi feito

um feitiço para que ela perdesse ele. Tudo que ela aprendeu, ela perdeu com as incorporações, assim como D. Maria que tem que se pinicar para saber se esta vestida. Mas, há também o lado bom das incorporações, Pacílicia, por exemplo, quando baia ninguém percebe que ela manca de uma perna, mas quando o santo sobe tudo volta ao normal. A entidade comentada por D. Jesus é Zé Pelintra, ela considera-o como o seu pai, diz que ele está assentado em Goiânia e Brasília, nesse mundo todo. Zé Pelintra segundo Ligiéro,

se faz justiceiro a sua maneira, ajudando de graça os excluídos de nossa sociedade, é aliado com os caboclos harmonizados às forças da natureza, é herdeiro de pajés e catimbozeiros, que usam as folhas para tratar as doenças, e ajudar os doentes e necessitados. (Ligiéro, 2004, p.22)

Zé Pelintra também, “agrega a figura do bom malandro aquele que em vida provocou amor e ódio nas pessoas e hoje vem para atender quem lhe procura, mediante oferendas” (Zaydan, 1993, p.2).

Narcisa é a mais velha filha-de-santo de Maria Bonita, nasceu em Canto do Buriti no Piauí. Passou a frequentar o terreiro quando sua filha estava doente. Ela sabia que também teria que trabalhar, porque tem uma crôa como toda médium. Tem um filho que mora em Araguaína, que é protestante, dentre outros. Maria Antônia sua filha que ela acompanhou em outros terreiros, só veio encontrar a cura na Tenda São Jorge, com a ajuda da Cabocla Aninha. “Aninha” ajudou Antônia a ficar boa. Mãe Marina nos contou uma narrativa onde um homem ao não respeitar o dia desta santa teve a vida ceifada, uma árvore que estava em sua terra, veio a quebrar uma lasca e atravessou o homem, entretanto, Aninha ajudou a criar os filhos dele, a lasca daquele dia em diante passou a ser considerada milagrosa. Antônia filha de Narcisa, desde nova benze e trata de quebranto, arca-caída dente outros males, muitas mães trazem seus filhos para serem tratados por ela.

Maria Antônia é natural de Teresina no Piauí. Narcisa fala que sua filha entrou nos trabalhos pela dor, por causa da doença, já ela entrou por amor, porque realmente gosta da religião. Cabocla Aninha é considerada a filha de Maria, já que não teve apenas Jesus ele era somente seu primogênito e ainda porque Maria é considerada mãe de todos os cristãos. Em suma, na tenda São Jorge Guerreiro não existe ritual de iniciação, assim como no sentido de ritos de passagem, trabalhado por Van Gennep (1977). As filhas-de-santo entraram no salão por conta de doenças, não fizeram raspagem de cabeça, como no candomblé e nem foi derramado sobre elas sangue sacrificial de animais, nem tiveram o

corpo coberto por incisões, 21 no total, principalmente na cabeça. Mas algumas tiveram que abdicar de suas vidas conjugais como Narcisa e De Jesus, bem como foi na Tenda São Jorge Guerreiro que encontraram solução para as suas demandas.

Santos ou não, mas aqui estão

Esta parte do trabalho é fruto de entrevistas com D. Maria Bonita. Apesar de no seu terreiro haver uma adoração a entidades como: caboclos, orixás, princesas entre outros, neste momento abriremos espaço para os santos católicos, pelo menos na concepção de nossas entrevistadas. O primeiro “santo católico”, padre que aparece em nosso trabalho é o padre Cícero, que nasceu em Crato-CE em 3 março de 1844. Lutou junto aos cangaceiros para defender Juazeiro contra a força oficial¹⁰. Durante uma missa, uma beata teria ingerido uma hóstia e está se converterá em sangue. Todavia, o próprio padre Cícero teria duvidado do milagre. Os boatos chegaram ao Vaticano e após muitos anos de investigação não deram a Cícero a beatificação. Mas, sabemos que santo ou não, o padre Cícero é adorado por grande parte da população brasileira.

Na tenda São Jorge Guerreiro ele apareceu a um rapaz que foi vítima de acidente automobilístico. Segundo os médicos, a situação do rapaz era crítica tanto que, ele foi despachado pelos mesmos. A mãe de Ricardo, Maria da Conceição, então trouxe o rapaz para a casa de Maria Bonita. “Ele estava só roncando” (dando os últimos suspiros) como relata a mãe-de-santo. D. Maria Bonita rezou e a pedido de Maria da Conceição, ofereceu as orações para padre Cícero, passados uma semana, a mãe de Ricardo disse que ia até sua casa, então Maria ficou sozinha cuidando do rapaz, ela sentiu vontade de ir ao banheiro, e no momento que retornou o rapaz já não estava mais no colchão “quem nem mexia”. D. Maria se dirigiu para o salão e lá estava Ricardo, conversando com alguém, Maria diz que: “a pessoa que conversava com ele tem a voz grossa”. D. Maria ouve da pessoa que é para o rapaz fazer assim com a mão, uma espécie de prece. Então quando a “entidade” vai embora, Maria pergunta a Ricardo: “quem era que estava conversando com você?”. Ricardo diz que foi o padre Cícero, que ele veio mesmo visitar ele, então o rapaz apresenta melhoras, e Maria agradece a presença do santo em sua humilde casa.

Através de uma leitura mais aprofundada, vemos que a medicina alopática não teve subsídios para curar o rapaz em questão, pois, a cura não se restringia ao plano

material. Neste momento abre-se uma brecha para a intervenção da curandeira/benzedeira, que segundo Paula Monteiro,

o médium que cura é alguém que, na maior parte das vezes, vem do mesmo grupo social de seu 'cliente', sendo capaz, portanto, de compreender e incorporar a experiência vivida do indivíduo que a procura. Neste sentido, pode-se dizer que a cura mágica representa, para as camadas populares, um universo de conhecimento alternativo ao saber médico (Montero, 1990, p.68-69).

Marcel Mauss fala que nestes casos, “é mais seguro intercambiar com os deuses, pois, são os primeiros habitantes do mundo e também que é mais seguro não intercambiar, caso as solicitações destes não sejam cumpridas” (Mauss, 2003, p. 206). Neste ponto cabe expor um relato onde não houve o cumprimento da promessa oferecida ao santo. O cavaleiro medieval Jordan-Fritz ao ver que o filho mais novo sofria fortes dores por causa de uma doença, resolve da água benta do relicário de São Tomás trazido por peregrinos, o rapaz então fica curado, e o cavaleiro promete que vai em peregrinação até o relicário, mas passam os anos e ele não vai, São Tomás até o avisa das intempéries, no entanto, o cavaleiro não liga, daí o santo perde a paciência e mata o filho mais velho de Jordan. Neste ponto ele resolve pagar a promessa. (BBCfour, por dentro da mente medieval. <http://www.youtube.com/user/bleogeo/>, domingo 20/ 03/2011, 13:08).

Na tenda São Jorge ocorreu o mesmo drama, notamos que Maria da Conceição até tinha intenção de pagar uma promessa a padre Cícero. Neste caso, a mãe de Ricardo ficaria lavando as roupas das médiuns por um bom tempo, mas passados alguns dias, aparece uma mulher e diz que aquilo é uma besteira, pois, Maria Bonita já é rica, e não há necessidade da mulher fazer aquele serviço. Maria da Conceição interrompe a promessa e cai em castigo. É possuída por um espírito mal. Maria Bonita mais uma vez socorre a mulher em apuros. Vemos então que os santos são bons, mas, devem ser retribuídos. Nas relações sociais vê-se que a obrigação de “dar, receber e retribuir”, descrita por Marcel Mauss (2003) no Ensaio sobre a dádiva não foi respeitado neste ponto e as pessoas antes agraciadas com a benção dos santos agora sofrem suas punições. Para melhor entendermos a força mágica dessa relação, ou a fé que a paciente teve em Maria Bonita utilizamos o conceito de *mana*, que pode ser compreendido como uma força espiritual advinda dos deuses a partir do bom cumprimento das prerrogativas antes salientadas, diz-se de uma pessoa rica, inteligente que está tem *mana*, isso também está presente em todas as relações sociais. A casa de D. Maria, sua oração, seu prestígio tudo isso comprova a legitimidade de

suas práticas, isso através do bom trato com as entidades. Vemos que algumas pessoas ao passarem perto da casa de Maria até sentem medo, isso comprova ainda mais seu prestígio.

Agora partimos para a descrição de outras narrativas onde o bispo Dom Cornélio é a personagem principal. Ele foi por muitos anos, padre em Tocantinópolis, ajudou a impulsionar muitos movimentos católicos, mas neste trabalho ele aparece como santo. D. Maria Bonita conta que numa igreja de São Sebastião; estavam ela, sua filha e a família que criava sua filha. Ela deu a criança para adoção, no entanto, após querer se aproximar de sua filha, o possível pai adotivo não havia deixado e pior, estava com a posse de um revólver. D. Maria diz que depois daquele instante não viu mais nada, ou seja, ela incorporou pela primeira vez, Mãe Marina. Todavia ainda não sabia controlar a entidade, foi preciso que o Bispo segurasse ela e dissesse que “todos os bichos brigam por seus filhos”, com ela não seria diferente. O bispo ainda disse que a coroa (ou crôa) de Maria Bonita era a mesma dele. Depois o bispo aproximou a cabeça dele à de Maria tocando-a, “chega faiscou”. Maria fala que o bispo pegou o revólver do homem e colocou em sua batina e ainda fez com que ela voltasse a si.

Este relato além de ser surreal deve ser melhor compreendido. Por que D. Maria fala que o bispo conhecia a coroa dela? Então o bispo conhecia Mãe Marina. Ele também era médium? Por que D. Maria fala que o homem estava armado em plena igreja, seria este o pai adotivo da criança em verdade, ou o revólver apenas aumentou a façanha do bispo? Sabemos que D. Maria considera o bispo muito mais do que um homem comum, e que estes são irmãos-de-santo, porque compartilham dos mesmos conhecimentos e da mesma madrinha espiritual. Logo depois, Maria cita outra narrativa onde o bispo aparece como apoio na fundação do terreiro, pois, se não fosse ele “a Assembleia de Deus não teria deixado”. D. Maria também fala que é filha do bispo e que ele antes de morrer, prometeu que ninguém iria lhe ameaçar, nem mesmo depois de morrer. Diferente dos orixás e encantados, o bispo não pode ser visto depois de sua morte, apenas pode-se fazer pedidos a ele. Mergulhamos na *communitas* dos relatos de D. Maria algo que está escondido e embaralhado, também recorreremos ao conceito, polissemia, para entendermos as palavras nos seus muitos sentidos. Quem antes era irmão no santo, agora passa a ser pai, Maria também usufrui de seu prestígio para se reafirmar enquanto agente mágico-religiosa. Segundo Brandão “a relação que se estabelece entre a mãe-de-santo e a umbanda deve ser relegada a segundo plano, já que esta busca na figura do bispo sua legitimação” (Brandão, 1986, p.54-55). Mas sabemos também que Maria Bonita tirou um espírito mal de um

católico conhecido do bispo, ou seja, ouve uma reciprocidade. D. Maria se utilizou da relação com o bispo, para em meio a sociedade circundante poder se levantar e respirar dizendo que é uma espírita. Podemos ainda dizer que ouve uma solidariedade durkheiminiana em relação à importância que cada agente religioso reconheceu na figura do outro.

Análise de ritual

Os rituais públicos ocorrem as terça-feira com começo as 21:00h. Neste ritual, chamado de fortalecimento D. Maria faz um círculo no chão e coloca nove velas no mesmo, após canta uma doutrina se referindo ao símbolo de Salomão, que segundo os místicos, exerce a força de Deus sob todas as criaturas, também é a forma que o planeta Vênus exerce em sua órbita quando vista da Terra. Maria pede que o paciente ajoelhe e reze, depois D. Maria incorpora uma Cabocla Braba e um Caboclo Sete-Estrelas. Notamos que o ponto no chão se refere a um Caboclo. A mãe-de-santo pede que coloquem fogo na porta, e canta uma doutrina, se referindo “a não deixar contrário entrar”. Segundo Douglas , “nossos costumes estão solidamente ancorados na higiene; nós afastamos os germes eles mandam embora os espíritos” (Douglas, 1991, p. 47).

Para analisar o ritual de fortificação usaremos o esquema de Turner (1974) fundamentado em “oposições binárias cruzadas”. Primeiro fazemos o contraponto entre o terreiro e a sociedade circundante, ou local de cura e local de contágio ou impureza. Feito isso, partimos para outros agrupamentos feitos em três séries estabelecidas no esquema logo abaixo:

Quadro 1: Esquema explicativo do ritual de fortalecimento.

Longitudinal	Latitudinal	Atitudinal
Ponto riscado / Canto do Salão	A esquerda da entrada / à direita	Doutrina antes / Doutrina depois
Fraco / forte Morte / vida		Filhas-de-santo / Mãe-de-santo

Desgraça mística / cura	Paciente / Família do paciente	Divindade / seres humanos Mediunidade / sem mediunidade
Fogo / sem fogo Não deixa passar o mal / Passa o mal	Oração do paciente / oração da mãe-de-santo Oração no terreiro / oração fora do terreiro	Fé no santo / fé na mãe-de-santo

Neste sistema classificatório, temos que nos ater principalmente aos símbolos que possam ter mais de um significado. Diante dessa premissa, podemos elencar certos elementos como: o ponto riscado, o fogo e a oração. O ponto riscado pode ser oferecido para diferentes entidades em favor de uma cura, ou outra espécie de trabalho, no caso em questão, o ponto foi oferecido a um Caboclo. O fogo está presente em dois momentos nesse ritual: nas velas, que são nove e estão em cima do ponto riscado e quando é colocado logo depois na porta dentro do salão. Segundo a doutrina, o fogo não deixa contrário entrar. Já a oração tem seu poder efetivado quando realizada dentro do salão, pelo chefe do terreiro. Sua efetividade fica comprometida quando uma pessoa sem fé, ou que não tenha mediunidade execute essa ação. Como mencionamos em capítulo anterior (Santos ou não, mas aqui estão), a força espiritual advinda da entidade, o que chamamos de *mana* (fazendo alusão à significação empregada a essa palavra na literatura antropológica, principalmente em trabalhos sobre os melanésios), pode também servir de base para o entendimento do prestígio da mãe-de-santo para a realização de seus trabalhos.

O ponto riscado é feito a esquerda do congá, ou altar do terreiro, será que é em respeito a Exus e Pombagiras? Mas, vimos que estas entidades não são reverenciadas no começo do culto. São recitadas doutrinas antes e depois do ritual. É colocado fogo na porta para afastar o mal. É preciso que o paciente também reze, não há ninguém da família do paciente no terreiro. Para entendermos o comportamento do paciente, usamos o conceito de magia de contágio de James Frazer, “uma coisa que em certo momento estiver ligada a outra, e por acaso vier a ser separado mesmo assim o que for feito sobre uma afetará a outra

parte” (Frazer, 1982, p. 105). Neste caso o sangue do homem em questão serve para que o ritual sirva para todos os seus.

Sabemos que é legítima a prática de Maria Bonita e de suas médiuns, pelo fato das pessoas terem fé e acreditarem veementemente que serão curadas ou receberão a ajuda necessária que solicitam das mesmas. Com Lévi-Strauss (2008) percebemos o quanto é importante a “crendice” de ambas as partes envolvidas na cura: o agente mágico-religioso, o paciente, a família do paciente e a sociedade circundante, todos tem que ter fé e acreditar que a cura se realizará, algo que nos dizeres do antropólogo, constitui a “eficácia simbólica”.

Notas:

¹ Graduado em Ciências Sociais pela UFT de Tocantinópolis.

² Mestre em Antropologia Social pela UFRS. Orientou a monografia que deu corpo a este artigo.

³ Desenho feito geralmente em forma de círculo, com diversas características que lembram o orixá que se quer representar ou que se deseja invocar ou saldar. São inúmeros os pontos riscados.

⁴ Caracterizada por agregar entidades ditas ambíguas, que tanto podem fazer o bem quanto o mal, dependendo da solicitação de quem pede. São representantes desta linha Exus e Pombagiras que são associados aos sentimentos promíscuos e obscenos de seus filhos. Também associados com o diabo católico.

⁵ Guma, principal lugar sagrado do terreiro. Lugar onde encontra-se todo o assentamento espiritual de uma casa de mina. Também pode se referir ao salão, ou seja lugar destinado para se executar a dança ritual dos encantados (FERRETI, 2001).

⁶ Líber de uma árvore da família das Lecitidáceas, utilizado para mortalha de cigarros. Apenas os pajés utilizam cigarros enrolados em tauari. (GALVÃO, 1976, p.149)

⁷ Objeto feito de penas de aves, geralmente de araras que são bem coloridas. Lembra muito os rituais feitos por alguns indígenas.

⁸ Faixas coloridas usadas para representar o santo respectivo do médium. É um adereço fundamental, assim como as guias servem para identificar o médium.

⁹ Grande cobra encantada, que habita os rios. O nome vem da fusão do nome boi com una, de única. Maria Bonita tem medo deste ser, pois fica muito tempo sem banhar no rio. Temos dúvidas sobre isso, mas acreditamos que deve ser porque a Boiuna estranha sua presença depois de tanto tempo sem vê-la.

¹⁰ Mas, o que dificilmente se fala é que padre Cícero não deu o título de capitão a Lampião.

Referências Bibliográficas:

BARROS, Rachel Rocha de Almeida. **O filho de uma rainha – reflexões sobre parentesco ritual e seus paralelos com a vida terrena.** ICS/ UFAL, artigo, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo: um estudo sobre religião popular.** São Paulo: Brasiliense. 1986.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo: Ensaio sobre a noção de poluição e tabu.** Rio de Janeiro, Edições 70, 1991.

FERRETI, Mundicarmo Maria Rocha. **Encantaria de Barba Soeira. Codó, capital da magia negra?** São Paulo: Ed. Siciliano, 2001.

FRAZER, James George. **O ramo de ouro, versão ilustrada.** Tradução; Waltensir Dutra, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1982.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens: Um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas.** Coleção Brasileira. São Paulo: Nacional, 1976.

LEACH, Edmund. **Sistemas políticos da alta Birmânia.** São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O feiticeiro e sua magia.** In: **Antropologia Estrutural.** São Paulo: Cosac e Naivy, 2008.

LIGIÉRO, Zeca. **Malandro divino.** Rio de Janeiro: Nova Era, 2004.

MAUÉS, Raimundo Heraldo. **Pajelança e encantaria amazônica.** In: VILLACORTA, Gisela Macambira. Artigo, São Paulo, 1998.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva: forma e razão das trocas nas sociedades arcaicas. Sociologia e Antropologia.** Tradução; Paulo Neves. São Paulo, Cosac Naify, 2003.

MONTERO, Paula. **Magia e Pensamento Mágico.** São Paulo: Editora Ática, Serie Princípios, 1990.

PRANDI, Reginaldo. **O candomblé e o tempo: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras.** RBCS (Revista Brasileira de Ciências Sociais), Vol. 16, n° 47, outubro/ 2001.

TURNER, Victor W. **O Processo Ritual: Estrutura e anti-estrutura.** Petrópolis: Vozes, 1974.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção e etc.;** Petrópolis: Vozes, 1976.

ZAYDAN, Alkmin. **Zé Pelintra: dono da noite, rei da magia.** Editora Pallas, 1992.